

1a. PARTE : CONFERÊNCIA

A CRISE ATUAL DO CAPITALISMO

ERNEST MANDEL (*)

ERNEST MANDEL talvez dispensasse uma apresentação inicial, porque é uma personalidade que luta pela classe trabalhadora, a nível internacional, desde 1940, quando tinha 17 anos, época em que aderiu à seção da 4ª Internacional na Bélgica. Durante a guerra, foi preso três vezes, conseguindo fugir duas vezes dos campos de concentração e encampou a luta dos Partisans contra o Nazifascismo.

Participou da criação da Central Sindical Única da Bélgica, integrando, como economista, a comissão que o assessorava. Desde então, tem sido um dos importantes teóricos da Economia Política Moderna.

Dentre suas obras, estão traduzidas para o português: “Introdução ao Marxismo”; “Formação do Pensamento Econômico em Karl Marx”; e, mais recentemente, uma publicação bastante importante que saiu na Coleção Os Economistas da Abril: “O Capitalismo Tardio”, pela qual foi diretamente responsável, o Professor Jacob Gorender.

Companheiros, Companheiras: (**)

O Capitalismo está vivendo hoje a mais grave crise de sua História. É uma combinação de crises econômicas clássicas de sobre produção de mercadorias e de sobreacumulação de capital, em uma larga onda depressiva que se iniciou ao final dos anos 60 e o início dos anos 70 e uma crise do sistema imperialista internacional que se relaciona, cada vez mais, com uma crise nas relações de produção capitalista e uma crise ecológica agudíssima.

Consideradas isoladamente, cada uma destas três crises, podem ser menos graves que as do passado, como por exemplo: a depressão econômica de 29 ou a crise nas relações de produção capitalista de 1917 e 1923. Porém a combinação, a interação entre elas criou uma situação, quiçá a pior que o capitalismo já tenha conhecido.

Podemos expressar essa combinação dizendo que, apesar de todas as possibilidades tecnológicas que existem, e de todos os esforços para mudar a organização do trabalho a nível de fábrica, a favor do capital, e apesar de todas

as tentativas de realocização do capital em escala internacional, as possibilidades de uma solução capitalista desta crise, a curto e médio prazo, são muito limitadas e, infelizmente, as possibilidades de uma solução socialista para estas crises são também muito remotas.

Por esta razão, o prognóstico mais realista que se pode formular hoje é que a crise será muito ampla e extensa, ultrapassando, talvez, os anos 80 e 90.

Não desejo alongar-me nos aspectos econômicos, pois prefiro estender o discurso sobre política e lutas sociais e populares.

Todavia, para enfocar esse primeiro prognóstico de que a crise será muito ampla, será útil exemplificar com uma análise de interpretação marxista um pouco mais complexa que aquela que se encontra em nossas análises acadêmicas ou periodicistas.

Segundo estas análises, um dos fenômenos mais impressionantes dessa crise é a do sistema bancário internacional, a acumulação das dívidas e a correlação entre esse fenômeno monetário/financeiro e as contradições internas do sistema capitalista.

Em primeiro lugar, deve-se sublinhar que a opinião pública e os meios de difusão de massa apresentam uma imagem unilateral e falsa da amplitude do problema. Fala-se de setecentos bilhões de dólares de dívida dos países do terceiro mundo, quando a cifra real da dívida em dólares que existe hoje, mundialmente e no interior dos Estados Unidos é de 5 trilhões de dólares e não setecentos bilhões, o que indica que a dívida do terceiro mundo é uma parte pequena desse oceano de dívidas. Todos os agentes econômicos, como se diz na linguagem acadêmica, estão envolvidos com este oceano de dívidas: os pequenos burgueses e a burguesia, propriamente dita, famílias trabalhadoras e consumidoras dos produtos das grandes empresas capitalistas, os governos chamados socialistas, os do terceiro mundo, e os imperialistas. A França tem uma dívida estrangeira de 60 bilhões de dólares. Bélgica, Dinamarca e Espanha têm, em seu conjunto, uma dívida de 30 a 40 bilhões de dólares, e são cifras semelhantes àquelas da grande maioria dos maiores países do terceiro mundo. Grandes empresas imperialistas têm dívidas. Empresas privadas têm dívidas semelhantes àquelas dos países semicoloniais. Por exemplo: em um só banco norte-americano — O Continental de Illynois — havia um déficit de 10 bilhões de dólares que foi subvencionado pelo sistema do Banco Central dos Estados Unidos sem discussões de meses, como se têm com os governos do México, Argentina, Brasil, Filipinas e outros países dependentes. Bastaram algumas horas para encontrar os 10 bilhões de dólares. Amanhã poderão ser 2, 3 ou 4 bancos americanos que tenham déficit semelhante àquele da Argentina ou do México.

Isto pode estar indicando pouca prudência dos banqueiros, contudo, não é nosso dever ensinar aos capitalistas como fazer suas empresas.

Este fenômeno universal de endividamento nos dá uma chave para entender o que foram as razões da prosperidade anterior e de como é o mesmo mecanismo que explica porque esta prosperidade perdura por vinte e cinco anos nos países imperialistas e, um pouco menos, nos países dependentes.

E tocamos num ponto crucial. Por que há esse oceano de dívidas? Porque existem contradições internas no processo de desenvolvimento do capitalismo que levam fatalmente a crises e explosões e a inflação de crédito; a criação de dívidas é o método clássico utilizado, muitas vezes, para o desenvolvimento do capitalismo. A extensão do crédito foi o método pelo qual o sistema tem podido adiar o momento de explosão dessas contradições. E podemos concentrá-las em três pontos: Em primeiro lugar, a contradição entre a tendência à expansão cada vez mais rápida da capacidade de produção e os limites que a distribuição capitalista, pelas normas burguesas de distribuição, impõem ao consumo do último consumidor. A explosão dessa contradição foi transferida no tempo pela concessão de crédito ao consumidor. No Japão, por exemplo, país que é citado, muitas vezes, como um modelo de equilíbrio capitalista e desenvolvimento equilibrado, o consumo cresceu em 50% nos últimos 10 anos, e o crédito ao consumo cresceu 250%. Pode-se encontrar proporções do mesmo tipo nos Estados Unidos, Canadá, Inglaterra, um pouco menos na França, Itália e Alemanha Ocidental, a tendência geral, porém, foi a mesma.

Em segundo lugar: a massa de capital cresce mais rapidamente que a massa da mais valia ou lucro. Isto acarreta problemas de inversão às empresas capitalistas, que tendem à explosão. Ora, isto tem sido adiado pela ampliação cada vez mais rápida do crédito às empresas, sendo que uma parte cada vez maior das inversões tem sido financiada por dívidas.

Terceira contradição: refere-se que um marxista norte-americano chamou, corretamente, a “Crise Fiscal Permanente do Estado Burguês”. De fato, os gastos públicos aumentam mais rápido que os investimentos (impostos), o que também pode assumir uma expressão explosiva protelada pela amplificação cada vez mais rápida da dívida pública.

Essas três fontes desse oceano de dívidas, de dívidas consumidoras, de dívidas das empresas e da dívida pública, são estritamente relacionadas com as contradições internas do sistema. Claro que o endividamento não podia crescer sem limite no tempo e no ritmo, e que, num dado momento, a tendência foi freada. Iniciaram-se então as recessões, uma atrás da outra, em ritmo cada vez mais rápido e com mais consequências sociais, econômicas, políticas e culturais mais graves.

Para concluir esta pequena introdução econômica, deve-se salientar que ambos os aspectos do fenômeno, a extensão da produção, e a prosperidade acompanhada de uma inflação e de um endividamento cada vez mais amplo,

e a tentativa de bloquear essa espiral de endividamento, implicam imediatamente em retrocesso da produção, do emprego e de investimentos.

É este o sentido da ação do F.M.I. na América Latina, e, portanto, os bancos norte-americanos, quando agem assim, agridem não só os povos do Cone Sul, mas também os trabalhadores norte-americanos, pois, ao se cortar o crédito a estes países, cortam-se as exportações norte-americanas e a produção industrial da América do Norte, diminuindo, portanto, os empregos.

A correlação é íntima e clara, e a política monetarista do governo Reagan, ditada pelo grande capital financeiro, é uma política que deixa conseqüências desastrosas para o comércio exterior dos Estados Unidos e para a situação social dos países da América Latina.

A balança comercial dos Estados Unidos conhece hoje o maior déficit de sua história, maior que a crise de 1929 e a de 1933. E o que ganham os banqueiros, perdem os industriais e, principalmente, os trabalhadores da indústria desse país. Nesse sentido, os créditos de que tanto se fala hoje, os créditos dos bancos norte-americanos, ingleses, europeus em geral, para o Terceiro Mundo, podem reatar créditos à grande indústria exportadora desses países. E a correlação entre os dois fenômenos de diminuição dos créditos, diminuição das exportações e diminuição da produção industrial, de emprego e de investimento industrial, é muito, muito estreita. A reação do regime capitalista num período de crise, de depressão universal como o período que estamos vivendo, é de desenvolver uma ofensiva universal, anti-trabalhadora e anti-popular, não por razões diabólicas ou porque são pessoas más, conspiradoras contra os povos, mas essencialmente por uma lógica intrínseca inevitável do regime, o capitalismo não pode sair de uma grave crise, se não aumentar o volume e a taxa de lucro. E, para aumentá-los, devem atacar os salários, os investimentos e os empregos dos trabalhadores, porque a extensão do desemprego é a força econômica mais poderosa para obter baixas relativas e absolutas dos salários.

A ofensiva anti-trabalhadora, anti-popular e internacional do capital tem dois grandes eixos: ofensiva da austeridade e a ofensiva da militarização, e ambos estão diretamente ligados à lógica interna da crise. A ofensiva de austeridade significa redução de emprego, redução dos salários diretos, redução dos seguros sociais.

Darei uma cifra para os países imperialistas: o desemprego oficial nestes países aumentou de, aproximadamente, 10 milhões no início dos anos 70, para 20 milhões no final dos anos 70, 35 milhões agora (84) e, em geral, os prognósticos são de 40 milhões nos anos 86/87. Quer dizer, aumentou 400% somente nos países imperialistas (para não dizer nos países mais ricos do mundo).

E estas são cifras oficiais, pois, a verdade em geral é pior, porque existe todo um setor da população que desaparece do mercado de trabalho por falta

de esperança, como se diz oficialmente, especialmente as mulheres, e que não aparecem na cifra oficial da desocupação.

A ofensiva de militarização está ligada à lógica interna do sistema e da crise. Em primeiro lugar, porque a produção de armamento é um mercado clássico de substituição, em períodos de subprodução.

Hoje, nos Estados Unidos, pode-se dizer que Reagan está aplicando (contrariamente a uma lenda, a um mito) uma política keynesiana clássica, de déficits pendentes de reanimação da economia com déficit preposto. A origem do déficit está, porém, no aumento dos gastos militares, sendo que os gastos sociais estão sendo reduzidos.

A remilitarização está ligada não somente à criação desse mercado de substituição, mas também a um projeto político claro, preciso, que tem a ver com a crise mundial do capitalismo, que é a crise do sistema imperialista internacional, depois da derrota do imperialismo norte-americano na Indochina.

O imperialismo tem recebido vários golpes, especialmente na América Central, com a vitória da revolução nicaraguense e a extensão da revolução em El Salvador e na Guatemala. A militarização é, em primeiro lugar, uma contra-ofensiva a esses movimentos revolucionários, visa a golpeá-los com guerras contra-revolucionárias locais, impedir a União Soviética de ajudá-los, golpear outros centros potenciais de movimentos de libertação no Oriente Médio, África Austral, no Extremo Oriente e a afirmar o desenvolvimento da revolução internacional.

Se fizermos hoje o balanço dessa ofensiva internacional do capital (de austeridade e militarização), temos que admitir que tem tido êxito. Os salários foram baixados e o desemprego aumentou em praticamente todos os países. Os movimentos de libertação nacional têm recebido duros golpes e as manifestações de massa populares, estão em defensiva hoje, à exceção da América Central. E lá a situação também não é clara. Pode-se perguntar por que está assim? A resposta não é difícil: geralmente os períodos iniciais de grandes depressões econômicas são desfavoráveis para as massas (evidentemente, quando a desocupação aumenta rapidamente, não há melhora nas relações de força entre capital e trabalho assalariado, numa relação tautológica).

Ao mesmo tempo, quando o imperialismo se dá instrumentos (intervenção militar agressiva, rápida), isso também não melhora a situação das forças populares revolucionárias, novamente uma relação tautológica. A questão não é tanto o fato de existirem esses êxitos iniciais da ofensiva capitalista. A questão principal é saber se há possibilidade de resistência, de avanço de capital, de criar os obstáculos, em sua corrida de agressões, quando há o risco de uma 3ª Guerra Mundial Nuclear, e de criar novas possibilidades de uma

solução socialista para a crise. E, nesse sentido, podemos dizer que provavelmente os meses de fevereiro / abril / maio desse ano indicaram o início de uma mudança na situação. É que em uma série de setores da política mundial e em uma série de países, a luta de classes e a luta popular marcaram algumas das primeiras formas de ampla resistência trabalhadora popular à ofensiva de capital. Na Bolívia, apesar do papel do partido comunista, que dirige a Central Sindical, a COB, e que, ao mesmo tempo, participa do governo, à tentativa de impor a política de austeridade do F.M.I. aceita pelo governo/palácio, a classe trabalhadora boliviana respondeu com duas greves gerais vitoriosas. E a Bolívia foi o primeiro país da América Latina a recusar as propostas do F.M.I. e suas implicações na política social e interna do país. E posso salientar que quando, depois dessa resposta admirável das massas trabalhadoras bolivianas, houve um início de um golpe militar, e apesar da tentativa do Partido Comunista para impedir isso, a classe trabalhadora e a Central boliviana responderam à tentativa de golpe com uma nova greve geral vitoriosa e o golpe fracassou.

Na República Dominicana, à tentativa de impor as mesmas clássicas políticas de austeridade ditadas pelo F.M.I., os trabalhadores apoiados pela Central Sindical de esquerda desse país deram uma resposta muito clara, que obrigou o governo a, pelo menos, limitar as medidas anti-sociais que haviam tomado. E, na Índia, o maior país capitalista do mundo, no qual o movimento trabalhador está em retrocesso desde muitos anos (25/30 anos), a classe trabalhadora iniciou dois movimentos de resistência impressionantes: o primeiro, dos trabalhadores de tecidos de Bambei – 150 mil trabalhadores – fizeram a maior greve da história do movimento trabalhador internacional, permanecendo parados, 18 meses. Ela fracassou, e, como consequência desse exemplo, um outro setor da classe trabalhadora indiana, os portuários, iniciaram uma outra greve dizendo: “vamos fazer o mesmo que os trabalhadores de tecidos, se necessário vamos nos manter em greve meses, e meses”. Uma greve portuária na Índia paralisa completamente o comércio exterior do país. E os portuários tiveram êxito.

Na Europa Ocidental, nos meses de fevereiro/março/abril deste ano, ao menos em quatro, senão em cinco países (na Alemanha Ocidental, na Grã-Bretanha, na Itália, em meu país – Bélgica –, em certa medida também na Espanha) os trabalhadores contestaram a ofensiva, que indicam, em minha opinião, uma mudança do conjunto da situação política e social. Na Alemanha Ocidental, pela primeira vez, se iniciou uma greve, a dos trabalhadores metalúrgicos e gráficos pela semana de 35 horas sem redução do salário semanal. A greve foi difícil, dura, contra os meios de propaganda anti-grevista e, no entanto, foi um êxito, terminou com o compromisso das 35 horas. Como disseram os militantes sindicais na Alemanha Ocidental: “desta vez, a porta foi aberta pelas 35 horas, é uma fresta”. É uma luta histórica, como o foi

a luta pela jornada de 08 horas. A primeira vitória pelas 35 horas vai estender-se internacionalmente. Iniciamos uma luta internacional pela semana de 36 horas que é a resposta do movimento trabalhador ao desemprego atual e à tendência tecnológica atual, é econômica e socialmente inevitável. Evidentemente resposta insuficiente, entretanto, primeira resposta ofensiva. É melhor a semana de 35 horas do que 40 milhões de desempregados.

Na Inglaterra, os trabalhadores mineiros mantiveram-se em greve por 5 meses contra o fechamento das minas e a racionalização da indústria, novamente é uma greve muito dura, inclusive contra a unanimidade dos meios de difusão, da imprensa, da televisão, da propaganda burguesa, sem solidariedade de outros setores da classe trabalhadora. No entanto, os mineiros de carvão ingleses lutam de modo exemplar, com piquetes massivos, e choques duros com a polícia. Pela primeira vez em 50 anos, na Inglaterra, houve dois trabalhadores mortos pela polícia. Os piquetes continuam com uma energia, uma combatividade, uma obstinação admirável. Não creio que percam, mas provavelmente não vão ganhar, vão estabelecer um compromisso, que sempre será um ganho, pois muda a situação das relações de força também neste país.

Na Bélgica, houve duas greves gerais dos serviços públicos, 1.000 trabalhadores empregados opuseram-se às medidas de austeridade do governo, e terminou, também, com um compromisso. Modificou, porém, a tendência geral anterior, que foi a vitória ofensiva capitalista sem resistência e sem luta.

A mais importante destas lutas foi a da Itália, onde um governo de direção social democrata tentou bloquear os salários, desligando-os dos índices de preços. A reação espontânea de milhões de trabalhadores levou ao fracasso a decisão governamental. De novo, não foi um êxito total, foi um compromisso, possivelmente, o mais débil dos quatro que indiquei.

A reação dos trabalhadores foi tão espontânea, com formas tão impressionantes de auto-organização (às quais vou voltar ao final desta relação) que traduzem novamente a mudança na tendência geral.

No terreno político, vimos ao menos duas grandes questões: reações populares amplas que indicam o início de uma resistência maciça às agressões e aos planos do grande capital. E mesmo a preparação da guerra contrarrevolucionária do imperialismo (contra a revolução nicaraguense) encontra hoje um movimento de solidariedade anti-imperialista, que, embora não seja tão amplo como o que ocorreu durante a guerra do Vietnã, já é crescente na Europa, México, na América do Norte, e noutras partes do mundo.

É especialmente importante, em um país como o Brasil, ressaltar a necessidade absoluta de se estender este movimento de solidariedade. Os companheiros nicaraguenses e sandinistas têm feito progressos admiráveis visando a libertação nacional e social. Têm melhorado as condições de saúde, de segu-

rança, de vida e de habitação das massas oprimidas e exploradas de seu país. Falam claramente que estão hoje construindo uma sociedade nova, e que está nascendo uma revolução socialista. E o fazem em condições duríssimas, com agressões contra-revolucionárias ajudadas pelo imperialismo que age através do imperialismo norte-americano. E devemos ressaltar ainda que nessas condições de bloqueio, de sabotagem econômica e de agressão militar, os companheiros sandinistas são os primeiros, depois da revolução russa de 1917, 1 (*) tentar encaminhar esses avanços revolucionários, não como redução, mas como ampliação de liberdades políticas às massas populares. Apesar da Guerra Civil e da contra-revolução, estão organizando eleições das quais participam partidos, imprensa e rádio de oposição, numa verdadeira contestação política. Podemos discutir sobre os limites, as formas ideais ou não ideais, e também sobre o que vai suceder na prática, o êxito deve ser ressaltado, pois todas as idéias de pluralismo político e de democracia proletária e socialista defendidas nas últimas décadas pelos companheiros militantes da corrente que representam, pela primeira vez estão começando a ser praticadas nas piores condições, que são as existentes hoje na Nicarágua.

A primeira conclusão de filosofia política que se tira é clara: pluralismo político, liberdade política democracia proletária e socialista não é luxo, não é uma concessão da burguesia, não é um compromisso com a ideologia pequeno-burguesa. É uma fonte de força política, é um instrumento de eficácia política, e se os companheiros sandinistas são audazes, ao permitir eleições em situação de Guerra Civil, não é porque são suicidas, mas porque estão seguros de que vão ganhar as eleições, que têm o apoio da maioria dos trabalhadores e companheiros do país, e que não vão debilitar, que vão sim reforçar a revolução, demonstrando claramente ao mundo que eleições livres de partidos revolucionários socialistas (e são muitos em Nicarágua) podem ter o voto da maioria absoluta da população.

Por essa razão, o apoio a solidariedade com a Revolução Nicaraguense contra a agressão militar do imperialismo, apesar de todas as diferenças políticas que possamos ter a respeito das medidas econômicas e políticas tomadas pelo governo sandinista, é um dever dos revolucionários, dos socialistas, e de todos os progressistas do mundo. Impedi-la não podemos, pois, somente a classe trabalhadora norte-americana pode fazê-lo. Porém aumentar os obstáculos é o preço político que o imperialismo vai ter que pagar por essa agressão.

Isto, podemos e devemos fazê-lo.

Da mesma forma, de grande importância política é a ampliação do movimento anti-guerra na Europa Ocidental, pois é um fato político novo de resistência popular contra a ofensiva internacional do capital. Podemos dizer que o pacifismo na Europa Ocidental é o primeiro movimento de massa política que nada tem a ver com interesses materiais, econômicos imediatos da classe trabalhadora.

É o primeiro movimento político de massa puramente político, independente dos governos e dos velhos aparatos burocráticos, social democratas e stalinistas das últimas dezenas de anos. É um movimento de milhões de pessoas na Alemanha Ocidental, Itália, Espanha, Bélgica, Holanda, Dinamarca, Inglaterra. Uns 4 ou 5 milhões de pessoas participaram das grandes manifestações anti-guerra dos anos 83/84. E repito: é autônomo, independente, democrático, inter-classista, claro. Portanto, não puramente de trabalhadores, pois muitos setores da classe média e da pequena burguesia participam dele, mas independente da burguesia e contra a política militar e imperialista. O objetivo número um deste movimento é o desarmamento unilateral dos países capitalistas; recusa às metas nucleares da NATO; das metas nucleares inglesas e francesas; das bases norte-americanas imperialistas nesses países; dos gastos militares. É absolutamente progressista. Não há nada contrário aos interesses do movimento dos trabalhadores, mas face a estes objetivos milhões de pessoas, por motivos confusos e ambíguos, afastam-se.

O fato de tantas pessoas se mobilizarem por esses objetivos é uma indicação da crescente resistência de massa popular à ofensiva universal do capital.

Se tentarmos tirar uma conclusão de conjunto, podemos resumi-la no que se segue: estamos vivendo hoje em escala mundial, provavelmente pela primeira vez, depois do período que sucedeu à 1ª Guerra Mundial, um fenômeno de recomposição orgânica do movimento trabalhador popular em escala internacional.

Tal recomposição tem algo a ver com fenômenos sociais fundamentais, objetivos e subjetivos, como o crescimento da classe trabalhadora internacional, de sua qualificação e cultura e de sua auto-confiança. Mudança nas relações fundamentais sociais que são totalmente diversas das impressões ou das reações impressionistas, superficiais, que podem existir por parte dos intelectuais frustrados, logicamente, pelo fracasso do stalinismo e do reformismo. Hoje, a cifra impressiona, pois, contrariamente ao que pensam ex-esquerdistas como André Gorsky, que disse “Adeus ao Proletariado”, título de seu último livro, hoje há no mundo, 750 milhões de assalariados, um número muito maior que no passado, três ou quatro vezes mais alto que em 1917, muito mais que em 1945, fato que mostra a verdadeira direção da história, e não os fracassos e as derrotas parciais, temporárias, conjunturais.

É este o crescimento histórico e social da classe trabalhadora, que está mais qualificada, mais inteligente, cultural e politicamente mais preparada que aquela de 1917 ou de 1945, pois as mudanças na tecnologia, na ciência, são parcialmente incorporados à qualificação e à cultura de classe trabalhadora. Porém, muito mais importante que o crescimento objetivo da classe trabalhadora, é sua lenta maturação política, suas experiências, pois é fato que a memória coletiva, histórica, da classe trabalhadora, começa a integrar

internacionalmente a dimensão anti-burocrática, entendendo as principais razões de suas derrotas passadas, e a principal conclusão a que se chega é que, antes que se fale em auto-economia e de auto-administração do Estado, os trabalhadores devem aprender a auto-administração, a autogestar suas próprias organizações, lutas, sindicatos e partidos. É esse o processo fundamental para novas formas democráticas de auto-organização de luta; é o que caracteriza internacionalmente a recomposição atual do movimento trabalhador do qual estou falando.

Podemos dar exemplos do mesmo fenômeno em diferentes partes do mundo. O fenômeno Solidariedade na Polônia que, apesar de todos os aspectos de confusão ideológica, de todos os resultados políticos de 35 anos de ditadura stalinista, expressa fundamentalmente, que, num período de três meses, 10 milhões de trabalhadores criaram sua própria organização, 10 milhões de trabalhadores — quem haveria de pensar que isto seria possível antes de 5 ou 10 anos, pois ocorreu na Polônia em condições piores, muito piores que aquelas que conhecemos aqui ou na Europa Ocidental ou na América do Norte.

Se os trabalhadores polacos e do mundo podem fazer isso, e se fizeram sob forte ditadura, outros podem fazê-lo em condições melhores e mais fáceis que as citadas. E pode-se perceber a consciência desses trabalhadores, apesar de todas as suas contradições ideológicas, toda a influência da Igreja, e da religião, quando nas últimas semanas um fato mostra claramente que eles não são pró-imperialistas, pró-capitalistas, pró-vaticano, como diz a propaganda stalinista e a propaganda imperialista, pois ambos têm interesses em dizer as mesmas mentiras sobre os trabalhadores polacos.

Também na greve dos mineiros de carvão da Inglaterra, o governo do Senhor General Yaroljeski organizou uma forma de romper o movimento dos mineiros ingleses.

A Polônia manda carvão para a Inglaterra, e quando companheiros cargueiros dirigentes da greve dos mineiros na Inglaterra perguntaram ao embaixador da Polônia “por que agiam assim rompendo a greve?” O embaixador respondeu (de modo não sei dizer se cínico ou ingênuo, ou ingênuo/cínico ou cínico/ingênuo) “somos honestos comerciantes, firmamos um contrato, devemos mandar o carvão e reconhecer nossa firma”.

Boa resposta do comerciante, má resposta do diplomata comunista ou chamado comunista. Com isto os trabalhadores do Solidariedade, o sindicato clandestino das Minas da Silésia, os trabalhadores mineiros de carvão da Polônia, em sua rádio e folhetos clandestinos, denunciaram o governo por sua política de romper a greve e chamaram os mineiros, ferroviários e portuários da Polônia para não enviarem carvão para a Inglaterra.

Isto é reação de gente capitalista, de gente com ideologia burguesa, pró-Reagan ou é reação de solidariedade proletária internacional? Os

fatos já respondem à pergunta.

Vocês do Brasil, com a construção do Partido dos Trabalhadores (PT), que em prazo muito curto conseguiu com dezenas de milhares de filiados, são outro exemplo desse mesmo mecanismo, desse mesmo processo, desse mesmo fenômeno de recomposição do movimento trabalhador. Saindo das bases desta classe, de seu coração (estou muito feliz em poder dizer isto pela primeira vez em São Paulo, porque o disse muitas vezes em outros países da Europa. Evidentemente, para os outros isto é um fato histórico, e provavelmente vocês não o sabem. São Paulo com o ABCD é a cidade proletária mais forte do mundo, com o maior número de assalariados concentrados) surge esta nova organização, o que para nós é um fenômeno que confirma essa tendência universal.

Um outro exemplo que provavelmente é o mais comovente de todos, e que expressa o mesmo processo histórico: os trabalhadores mais explorados e oprimidos do mundo inteiro são os negros da África do Sul, que são considerados fora-da-lei, sem nenhum direito, seja político, humano, ou sindical. Podem ser assassinados por qualquer policial, sob qualquer pretexto, a qualquer momento do dia e da noite.

E no espaço de alguns meses, como vocês provavelmente fizeram com o PT, os trabalhadores negros da África do Sul, trabalhadores mineiros e trabalhadores industriais criaram uma nova organização sindical que conta hoje com 300.000 membros. Há mais coragem, audácia e dificuldade em fazer isso com êxito na África do Sul que em qualquer outro país do mundo.

Não podemos prever o que vai ocorrer, e o regime semi-fascista deste país pode destruir o sindicato, e matar milhares de sindicalistas. É possível, mas difícil porque os trabalhadores das minas de ouro e de diamante controlam a economia do país e podem mudar muitas coisas. Se, porém, forem demasiado perseguidos e oprimidos, o governo e os patrões devem pensar 2 ou 3 vezes antes de atacá-los como o fizeram anteriormente.

Uma coisa é atacá-los em bairros, matá-los em suas casas, outra coisa é atacá-los nas fábricas, nas minas onde têm grande poder econômico.

Na Europa Ocidental, também se iniciou, porém de forma mais modesta e limitada, a tendência à recomposição orgânica do movimento trabalhador, embora não no terreno político. Neste, os partidos, a burocracia e os aparatos tradicionais, são hegemônicos e a esquerda revolucionária deve continuar relativamente débil.

Mas no terreno sindical há mudança, e o acontecimento ao qual fiz alusão anteriormente (a resistência dos trabalhadores italianos ao decreto do governo) indicam isso. O movimento sindical italiano está dividido em três ou quatro centrais sindicais e se tem utilizado desta divisão sindical para tentar impedir uma resistência de massa ao decreto anti-salarial do governo.

E, nesse momento, ocorreu algo de totalmente novo: os delegados das grandes fábricas do país declaram ao governo, aos patrões e à burocracia sindical: “O movimento sindical somos nós, não vocês, vamos decidir, em unidade, a resposta”. Convocaram reuniões locais e regionais, convocaram um Congresso Nacional, em Milão, do qual participaram 5 mil delegados, representando praticamente todas as fábricas do país, convocaram ainda uma manifestação nacional contra o decreto da qual participaram, em Roma, um milhão de pessoas. A proposta de greve geral que propuseram ao mesmo Congresso foi recusado por uma pequena maioria, houve entretanto o apoio de uma tremenda minoria, mais de 40% dos delegados.

Isto é uma indicação muito clara de início de recomposição do movimento trabalhador, ao menos no terreno sindical da Europa Ocidental. Menos impressionante que em outras partes do mundo, mais discreto, todavia a indicação da mesma tendência universal.

Neste sentido, podemos, apesar de tudo o que dizem os céticos, os pessimistas, os decepcionados pelo passado e pelo fracasso, os da social democracia reformista do stalinismo, expressar um otimismo sereno sobre o futuro do movimento trabalhador e o futuro da revolução socialista.

Podemos dizer que esse otimismo é, também, por nossa corrente, pelo marxismo revolucionário, pela 4ª Internacional. Pois, se existe hoje esse formidável movimento de recomposição maciça de milhões de pessoas no interior da classe operária e se hoje há essa solidariedade nos três setores da revolução mundial, com a Revolução Centro-Americana, com a Revolução Nicaraguense e com a Salvadorenha, há nesse movimento pessoas politicamente boas e más. Há muitos que se solidarizam com as lutas dos trabalhadores e com o movimento pacifista, nos países imperialistas não há tantas pessoas que são solidárias com os três movimentos.

Há ainda o PT do Brasil, há os companheiros da 4ª Internacional, há os diferentes segmentos dos trabalhadores organizados, contudo nós, sozinhos, não representamos essa solidariedade universal da classe trabalhadora. Participamos desse movimento prático nos três setores.

Somos a única organização internacional que está presente em todos os lugares e em todas essas lutas. Tentaremos unificar estes movimentos, da forma mais democrática e pluralista e de auto gestão possível e, por isso, estamos seguros de que venceremos, porque estamos seguros de que vencerá a revolução socialista mundial. (*)

(*) Palestra proferida no TUCA no dia 15 de agosto de 1984, promovida pelo jornal “Em Tempo”, pela Revista “Perspectiva Internacional”, Departamento de Economia da PUC-SP e APROPUC.

(* *) Os dados desta palestra foram mantidos conforme gravação ao vivo.
Não houve revisão por parte do autor.

(*) estamos apenas formulando suposições, pois não somos “futurólogos”
para prever o que irá acontecer.

(*) Revisão de Língua por Elisa Jorge Costa.